



GIACCOIA JUNIOR, O. **Nietzsche x Kant**: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever. Rio de Janeiro: Casa da palavra; São Paulo: Casa do saber, 2012.

Ricardo B. Dalla Vecchia

Doutorando em Filosofia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp), com estágio de pesquisa na Ernst Möritz Arndt Greifswald Universität, Campinas, SP – Brasil, e-mail: ricardovecchia@gmail.com

Como justificar, para as nossas “presentes formas de vida”, a reconstituição de um confronto entre dois filósofos extemporâneos como Nietzsche e Kant? Tal é a pergunta que orienta as páginas iniciais de *Nietzsche x Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever*, do filósofo brasileiro Dr. Oswaldo Giacoia Jr., professor do Departamento de Filosofia da Unicamp.

A primeira justificativa de ordem estética ou histórica é peculiar à literatura especializada em filosofia, pois pela “estilização ficcional de uma conversação imaginária” (p. 07), simula-se o diálogo entre pensadores, forma literária conhecida na tradição clássica como *Totengespräche*, a conversa entre mortos. Já a segunda justificativa, mirando os “impasses, dilemas e desafios de nossa reflexão ética, jurídica e política” (p. 09), remete a obra de Giacoia Jr. a um universo que extrapola não só os limites da discussão filosófica especializada, como suas fronteiras históricas, conferindo a ela uma urgência contemporânea capaz de converter a *Totengespräche* (conversa entre mortos) numa proeminente *Lebendgespräch* (conversa entre vivos).

Com a reserva de que a confrontação entre Nietzsche e Kant em sua obra “está circunscrita ao domínio da razão prática, portanto ao campo do éthos e da *práxis*” (p. 29), Giacoia Jr. irá dividi-la em dois movimentos, cada qual dedicado a um dos pensadores, e em torno dos quais orbitarão estrategicamente alguns tópicos, a serem descritos a partir de agora.

Terminados os “Esclarecimentos preliminares sobre um confronto extemporâneo”, que ocupam-se com as justificativas anteriormente apresentadas, e que, digno de nota, conectam à discussão documentos de “importância indisputada” para o debate contemporâneo como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, Giacoia Jr. parte para o segundo tópico, dedicado à introdução das obras de Kant e Nietzsche, polarizando-os entre o método transcendental e genealógico respectivamente.

Inicia-se então o primeiro movimento intitulado “Kant: uma ética normativa do dever”, que parte da discussão a respeito da liberdade e causalidade natural como possibilidade da moral. “Sob quais condições podemos atribuir um ato a seu agente? Em que sentido pode-se considerar um indivíduo o sujeito *responsável* por suas ações?” (p. 37). Giacoia Jr. explicará que para Kant “sob a ótica da razão teórica, natureza e liberdade são conceitos antitéticos” (p. 44), de modo que “um conceito positivo de liberdade só pode existir no domínio prático da razão pura” (p. 46). Isto é, há em Kant “duas modalidades de explicação da possibilidade de formular juízos sobre o valor moral das ações humanas” (p. 47), sendo o primeiro como sujeito empírico ou fenomênico, portanto submetido à necessidade natural, e o segundo não fenomênico, mas noumênico, capaz de uma causalidade da vontade espontânea, que coloca o homem como sujeito de suas ações, de seus atos de vontade, que podem ser reduzidos a princípios. Após distinguir as nuances entre desejo (*Wunsch*), arbítrio (*Willkür*) e vontade (*Wille*) da capacidade desiderativa (*Begehrungsvermögen*), Giacoia Jr. enuncia o conceito de liberdade: “Livres são ações derivadas de uma regra, norma ou princípio que o arbítrio de determinado ser humano recebe da razão e acolhe em si como a lei que totaliza e dá forma a seu querer e agir” (p. 51), segundo ele compatível com a obra *A fundamentação da metafísica dos costumes*, de 1785, uma vez que com a *Metafísica dos costumes* (1797) e *A religião nos limites da simples razão* (1793), Kant passará a ter um “entendimento alargado da liberdade do agir, bem como dos conceitos correlatos de responsabilidade e imputação.” (p. 53). Tal ressalva é de fundamental importância, pois será justamente no “espectro” formado por essas obras que o arbítrio passará a ser pensado como uma “arena de combate” entre a motivação egoísta e a motivação altruística, oposição

que encaminhará o autor a refletir ainda sobre o dever e a obrigação, e sobre o tema dos imperativos, sobretudo o categórico, definido como “a própria lei da razão prática” (p. 56), de tal modo que “*ser digno de ser feliz é a condição moral da própria felicidade*” (p. 60).

A discussão se aprofunda com a doutrina do caráter, polarizada na tensão entre caráter inteligível e empírico, numa investigação sobre a “peculiar inclinação da vontade humana para se afastar da lei do dever em sua práxis” (p. 70), que conduz aos temas do mal radical e da lei moral. Em seguida são problematizados os conceitos de pessoa, dignidade e si-próprio, desaguando no tema da *Gewissen*, a consciência moral, definida como o “plano de interioridade de um sentimento de tipo especial [...] um *saber-com*, uma *consciência de*, que nos acompanha em todas as ocasiões importantes de nossa existência” (p. 84-85), e no grupo de conceitos “subjetividade, ego e consciência de si”, que conduzem ao texto problemática final da virtude. Num cuidadoso trabalho filológico, Giacoia Jr. disponibiliza ainda a tradução de alguns trechos selecionados da *Metafísica dos costumes*, encerrando o primeiro movimento.

O fim do primeiro movimento, sobre Kant, não é seguido pelo início do segundo, sobre Nietzsche. Antes disso, o autor elabora estrategicamente dois tópicos transitórios, o primeiro deles intitulado exatamente “Transição”, cujo eixo norteador é o argumento de que “a dimensão mais elementar e ao mesmo tempo mais radical da crítica de Nietzsche a Kant é constituída pela *recusa* do próprio conceito de razão prática” (p. 115). Inicialmente herdeiro do pessimismo voluntarista de Schopenhauer, Nietzsche também verá a expulsão kantiana da teologia pela porta da frente da filosofia crítica e seu posterior reingresso, nos escritos éticos, pela porta dos fundos. Numa alusão a uma das metáforas prediletas de Nietzsche, que narra a passagem da *Odisseia* de Ulisses pela ilha de Circe, Giacoia Jr. antecipa um ponto programático da crítica nietzscheana a Kant, que diz respeito à “insidiosa cumplicidade metafísica entre moralidade e verdade” (p. 120), o que o conduzirá de modo incontornável e proposital ao segundo tópico de transição, intitulado “Interlúdio sobre Schopenhauer”. Nele Giacoia Jr. mostrará como a leitura de Schopenhauer foi decisiva na “tarefa de recolocar a verdade, que estava de ponta cabeça, de novo sobre os próprios pés” (p. 129), ao mostrar que “o criticismo de Kant constitui, aos olhos do filósofo de Frankfurt [Schopenhauer], ao mesmo tempo, o ápice do esforço filosófico de fundamentação da ética e um formidável e ilustrativo fracasso desse mesmo empreendimento” (p. 130).

O segundo movimento da obra, “Nietzsche crítico de Kant e Schopenhauer: ética como estilística da existência”, colocará em franca oposição a “filosofia profundamente existencial” (p. 147) de Nietzsche e a “filosofia prática normativa” (p. 147) de Kant. A esteira do ataque bifrontal às teses do caráter inteligível em Kant e Schopenhauer, Giacoia Jr. recorrerá aos textos de *Humano demais Humano*, *Aurora* e sobretudo *Para a Genealogia da moral*, para remontar a máquina de guerra nietzscheana contra a moral, cujas frentes serão a crítica do caráter inteligível, a eticidade (*Sittlichkeit*) e consciência moral e a ausência de fundamento legítimo para juízos de imputação, cuja elucidação conduzirá aos temas da culpa e má consciência, indivíduo soberano, fatalismo turco, internalização e sublimação, ressentimento etc.

Na transição para o quarto tópico do segundo movimento, intitulado “Individualidade e subjetividade: como tornar-se o que se é?”, Giacoia Jr. explica como os livros *Crepúsculo dos Ídolos* e *Ecce Homo* foram “programados pelo filósofo como preparação de um rompimento que deveria inaugurar uma nova era na história do Ocidente, assim como foi o advento de Cristo [...] constituem, num importante sentido, a tarefa epocal de *O Anticristo*, com a missão de criar no público europeu uma disposição de ânimo à altura do acontecimento decisivo que seria representado pela publicação daquele livro que marcaria o limiar de uma nova era na história universal” (p. 171). Com isso, Giacoia Jr. inicia um trabalho argumentativo de, por assim dizer, “reconstrução” das teses nietzscheanas sobre a ética, que perdurará até o final da obra.

Partindo da temática do “tornar-se o que se é”, o autor explica como Nietzsche insere-se num movimento radicalmente contrário àquele percorrido pela tradição da subjetividade, que remete por exemplo a Santo Agostinho e antes dele a Sócrates, e que encontra nos empreendimentos modernos como o cogito cartesiano sua forma atualizada. Com um modo “radicalmente antimoderno de compreensão do eu” (p. 175), Nietzsche proporá um “percurso de formação pontuado pela presença constante do outro, desenhando, portanto, uma linha de fuga em relação a um centro estável e pseudoidentitário, um movimento de afastamento que possibilita, por meio de um retorno reflexivo a si, a reapropriação do Si-Próprio” (p. 181). Tal retorno exige a penetração numa “aventura ousada e interminável pelos labirintos da alma” (p. 211), que toma os abismos e segredos do corpo como uma “reserva semiótica inesgotável” (p. 212), mostrando que “esse *Si-Próprio corporal* não é o contrário da racionalidade, mas sua

verdadeira figura, ainda que ignorada” (p. 220), promovendo assim a “doutrina sensível e corporalmente vivida da completa abolição da culpa e da responsabilidade, a inocência do vir a ser” (p. 228).

Contrastando os conceitos de eterno retorno, *amor fati* e grande saúde, ao ressentimento e o fatalismo turco, Giacoia Jr. elucida como “a metafísica da alma e a religião da culpa inventaram a liberdade da vontade para dar fundamento aos juízos de imputação” (p. 239), dando início à história espiritual da Europa, e explica como, ao se transformar em seu contrário pela doutrina do devir, a filosofia de Nietzsche, desde *O Nascimento da Tragédia* com a negação da responsabilidade “se mantém na negação radical de toda *justificativa racional* para os conceitos de responsabilidade, culpabilidade, imputação e, portanto, de todo fundamento para juízos a respeito do valor ético-moral de nossas ações” (p. 239-240). Com a superação da razão que nega e deprecia a vida dá-se início a um trânsito para a afirmação incondicional da vida, cuja experiência intensiva e vivência singular se constitui como “inverso da negação, uma inflexão da própria necessidade - ao mesmo tempo *ego fatum* e *amor fati*” (p. 246). Essa viragem da necessidade (*Wende aller Noth*) ao levar a cabo a autossupressão da moralidade, mostrará que “virtude e dever não significam senão máscaras” (p. 260), isto é, que “como sintoma e semiótica, toda moral, todo juízo de valor, remete a condições de conservação, crescimento ou declínio fisiológico” (p. 262), conduzindo à “experiência crucial do desligamento em relação à própria moralidade” (p. 262).

Giacoia Jr. desfecha *Nietzsche x Kant* com uma judiciosa conclusão, mencionando que, fosse isso possível, também Kant teria bons argumentos para objetar as teses de Nietzsche, e declarando-se ciente das diferenças incontornáveis entre os modelos teóricos de ambos, que dizem respeito tanto às inspirações fundamentais quanto à forma e conteúdo, e, mais do que isso, da “impossibilidade de conciliar uma legislação filosófica de Si-Próprio - uma estilística moral de si - com uma legislação universal da razão pura prática, inteiramente formal e categórica” (p. 277). O autor ainda tem fôlego para, numa ressalva preciosa, aproximar os esforços de Nietzsche e Kant em “exorcizar aqueles dois grandes perigos que rondam a formação do filósofo: o perigo da submissão a fins alheios e o perigo da especialização esterilizante” (p. 275).

A disputa permanente e ainda hoje profícua exposta em *Nietzsche x Kant* sugere que, pelo menos nesse ponto, Nietzsche e Kant prestariam

mútuas reverências, como a que nós, por ocasião de tal resenha, prestamos a filósofos que, como Giacoia Jr., a exemplo de Ulisses e a despeito do amargo sabor da Moli, não se deixam encantar pelos baldados encantos da Circe.

Recebido: 25/07/2012

Received: 07/25/2012

Aprovado: 01/08/2012

Approved: 08/01/2012